

## EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: o professor sempre autor da mediação pedagógica<sup>1</sup>

Francisco José da Silveira Lobo Neto

Cada vez mais, nosso trabalho de professores exige mais de nós. **Mais** é, talvez, uma palavra importante, mas insuficiente. Ela precisa de uma palavra parceira que, em condições de igualdade, expresse melhor essa exigência. É isso: **Melhor!** Nosso trabalho de professores exige, cada vez **mais, o melhor de nós**<sup>2</sup>.

Podemos, diante de uma turma de alunos, olhar curiosamente para estas pessoas, filhas e filhos de homens e mulheres, que mantêm, diferentes graus e maneiras de relacionamento afetivo com núcleos familiares também diferenciados; que moram em determinados lugares, caracterizados desta ou de outra maneira; que podem ou não podem isso ou aquilo no cotidiano de suas vidas, por razões culturais, sociais, econômicas; que formam grupos que se freqüentam na conversação e convívio entorno de diferentes interesses, desejos, gostos, hábitos; que se identificam com individual identidade, mas também com traços identitários comuns a diferenciados grupos (inclusive na expressão nas diferentes linguagens, no domínio de significados e símbolos...)

Todos achamos que, um pouco ou muito, esta seria a maneira mais *adequada* de partir para a ação docente. Mas ... também a mais exigente, complicada, trabalhosa. Alguns até afirmam que esta é – porque preocupada em abranger a realidade, toda a realidade - a única maneira *prática, objetiva* de partir para uma ação docente consistente. Chegam a defender que essa abordagem, na verdade, não “gasta” mais tempo mas garante menor tempo porque evita muito o ter que voltar para retomar.

O fato de ter presente o máximo de totalidade do real, não implica em deixar de enfrentar as questões em sua particularidade. Assim, mantendo uma permanente “abertura” para o todo, podemos tratar de um tema crucial em nosso cotidiano: os meios educativos. Desde os nossos livros didáticos e o acervo de publicações até os programas digitais (“softwares”) educativos, inclusive as conexões em redes e na rede das redes, a Internet.

Será que não estamos caindo na armadilha que acima tentamos evidenciar? Quando, para “ganhar” tempo e ser “práticos e objetivos”, esquecemos um aspecto fundamental. A verdade é que, um processo histórico-cultural construiu e constrói meios de interação humana-social, através de comunicação de mensagens, significadas em sons e imagens (um texto escrito e impresso, é conjunto de imagens de letras e palavras que se combinam para

---

<sup>1</sup> Anotações para discussão com vistas à Conferência Estadual de Educação, julho de 2002

<sup>2</sup> O fato de nossas condições de trabalho não corresponderem a esta exigência, não nos exime dela, mas cria uma nova exigência: a luta de reivindicação por condições adequadas.

significar). Este processo, socialmente realizado na história, é que está na base do livro didático, do programa educativo de rádio e televisão, do vídeo ou filme educativo, do “software” educativo<sup>3</sup>.

Será que nós podemos falar de meios educativos sem considerar que os meios de comunicação, há muito (desde sempre!) se preocupam em informar e formar opiniões, informar e entreter, transmitir e divertir, repetir e inculcar? Para falar de meios educativos precisamos ter presente que a comunicação se vale de tecnologia e esta é aplicação de ciência, de conhecimentos de diferentes áreas que se combinam (a interdisciplinaridade, a transversalidade...) para tornar mais conseqüente, consistente, eficiente a emissão e a recepção da mensagem.

Quando nos debruçamos curiosamente sobre esses processos, estamos conhecendo melhor nós mesmos, nossos alunos que, como nós, são pessoas em relação com o outro e com um mundo que, por ter se tornado tão nosso vizinho, se distanciou como objeto de nossa análise. Nada mais arriscado do que a renúncia ao melhor entendimento do que está presente. Tão presente que nós nem percebemos.

Assim, em nossa prática docente, têm estado presentes os livros didáticos, os programas educativos de rádio / tv / computador, os vídeos e cd-roms. Mas não basta que aí estejam. Sua presença precisa ser a decorrência de uma escolha de profissionais da educação, diretamente responsáveis pelo processo pedagógico, ao qual esses meios irão servir. Isto implica uma análise concreta de sua adequação aos nossos propósitos educacionais. Por mais experiente e competente que seja o autor, para além da qualidade mesma do meio, precisamos nele encontrar um apoio válido ao nosso trabalho. As crianças - e também os adultos - que conosco estão se educando - precisam de um material de apoio capaz de facilitar o projeto que, juntos, desenvolvemos.

Aceitando que as afirmações acima são verdadeiras, falta, ainda, alguma coisa. Onde estão as necessidades e desejos, as questões e emoções construídas na vida vivida de Cândia, André, Cecília e Marcos? Onde estão os valores, problemas, aspirações e exigências dos grupos sociais construídos na convivência no Coqueiral em Cabo Frio, na Tijuca em Teresópolis, em Nova Holanda no Rio de Janeiro, em bairros de Angra dos Reis, Campos ou Magé? Onde estão os significantes e significados, adquiridos, contestados, re-significados no clubinho de conjunto residencial e condomínio, no movimento de jovens das igrejas de diferentes denominações, no apoio mútuo de rejeição temerosa ou de adesão obrigada a comportamentos desviantes, organizados ou não?

---

<sup>3</sup> Sobre este tema é útil aprofundar em textos como os de José Manuel MORAN: *A Escola do Amanhã, Desafio do Presente: Educação, Meios de Comunicação e Conhecimento*. Revista Tecnologia Educacional, 22 (113/114): 28-34, jul-out 1993; e também *Educação inovadora na sociedade da informação*. ANPED, 23ª Reunião Anual, Caxambú MG, 2000. <http://www.anped.org.br/outr9.doc> (acesso em jul 2002).

E todas essas diferenças como ficam em sua complexidade, quando um sistema de comunicação de massa – mesmo trabalhando as diferenças – passa uma leitura padrão da realidade, criando linguagem / linguagens de novos significados e significantes, mas veiculando mensagens de tendência unificada?

É muito importante – até imprescindível - aos professores a leitura de livros e textos de bons autores, a atenção a programas de televisão e a vídeos, a pesquisa permanente dos melhores meios didáticos, porque é assim que se formam e atualizam permanentemente sua formação. Mas não é suficiente, uma vez escolhido o meio educativo, segui-lo. Os professores não podem esquecer que eles são atores de um processo de interação, em uma prática social que se reconhece cultural: a educação. Eles são, profissionalmente, mediadores entre o conhecimento cientificamente produzido e os que precisam aprender; entre os comportamentos e atitudes socialmente valorizados e os que precisam adquiri-los para ter acesso à vida social, à cidadania. Mas, mais do que isso e melhor do que isso, esta mediação implica em verdadeira autoria do processo educativo.<sup>4</sup>

No exercício de sua responsabilidade de mediador, o professor pode e deve usar meios já produzidos por outros e que ele julgue importantes, adequados, úteis à mediação pedagógica. Neste caso, ele estará, criteriosamente e com objetivo de melhoria, trazendo os autores dos materiais que seleciona como co-autores no processo educativo, pelo qual ele é responsável

Nada impede também que no exercício de sua responsabilidade como mediador, o professor utilize os produtos dos meios de comunicação, gerados sem ou na contra-mão das intenções educacionais, trabalhando com seus alunos a chamada “leitura crítica dos meios”, criando neste espaço de realidade humana e social, o espaço pedagógico dos que se educam pela análise crítica dos fatos e feitos do cotidiano.

O que importa é que o professor seja autor responsável pela análise criteriosa que leva à escolha, pelo uso adequado, e – sempre que for necessário – pela produção mesma dos meios educacionais, sem abrir mão de sua responsabilidade de educador, que professa a mediação.

Se é verdade que não são poucos os que acham ser isso impossível, são muitos os que, concordando com esta quase impossibilidade de cada um, procurem formar grupos de cooperação na avaliação de meios educacionais, equipes de análise da realidade, de estudo de novos campos de conhecimento, de domínio de novas tecnologias.

---

<sup>4</sup> Para aprofundamento deste tema sugere-se o livro de Marco SILVA, Sala de Aula Interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.